

A dita “terceira idade” na Sagrada Escritura

José Carlos Carvalho

Resumo

Na Bíblia Hebraica e no Novo Testamento, a dita “terceira idade” assume um lugar de relevo. Com um vocabulário diversificado, a Sagrada Escritura apresenta o lugar dos mais velhos segundo a sua maturidade e aportação à comunidade, e não segundo a fase etária posterior à infância, à juventude e à vida adulta. Os anciãos fazem parte da sociedade de Israel, ainda que com funções diversas. O seu estatuto não é visto em termos pragmáticos ou utilitaristas, pelo que não são colocados à margem nem depositados em instituições ou espaços exteriores à família, pois integram-na e completam-na. Sem serem vistos como um peso tornam-se uma fonte de sabedoria, testemunhada não apenas pela literatura sapiencial. Esta experiência é transversal a todo o texto bíblico e à cultura envolvente na sua pluralidade apócrifa.

Abstract

In the Hebrew Bible and in the New Testament, the so-called “old age” takes on a prominent place. With a diverse vocabulary, the Holy Scripture presents the place of the elders according to their maturity and contribution to the community, and not according to the age phase after childhood, youth and adulthood. The elders are part of the society of Israel, although with different functions. Their status is not seen in pragmatic or utilitarian terms, so they are not set aside or deposited in institutions or spaces outside the family, as they integrate and complete it. Unseen as a burden, they become a source of wisdom, witnessed not only by wisdom literature. This experience cuts across the entire biblical text and the surrounding culture in its apocryphal plurality.

Índice

A longevidade dos Patriarcas

Os anciãos no Israel do Antigo Testamento

Os mais velhos na literatura sapiencial

A ancianidade na literatura judaica

Os presbíteros e o presbiterado no Novo Testamento

Síntese

A longevidade dos Patriarcas

A pessoa mais velha da Bíblia é Methusalém (cf. Gn 5,21ss): atinge uma idade mitológica de centenas de anos (969), pois a história dos patriarcas tem paralelos em textos da mitologia antiga, segundo a qual os reinados desde a criação eram de milhares de anos. Esse património chega à redacção sacerdotal pós-exílica dos textos bíblicos. Na redacção dos Génesis, essa descrição serve inclusive até Noé que tem uma longa vida (950), uma vida longa. Mas essas vidas longas, se têm uma origem remota na criação, estão marcadas também pela fronteira da debilidade e da finitude. É neste contexto mitológico que os patriarcas são apresentados com idades fantásticas, pois vêm de tempos imemoriais e, à semelhança dos reis do mundo antigo – sobretudo mesopotâmico e helénico –, também eles vivem durante centenas de anos. E porquê? Porque nesses relatos mitológicos do antigo mundo babilónico os reis descendiam dos deuses. Se essa era a sua origem, não admira que vivessem tantos anos, que a sua longevidade fosse tão grande. A grande diferença para os patriarcas bíblicos consiste no facto de que estes não nascem de qualquer teogonia ou teomaquia. Essa é a grande diferença bíblica: a secularização radical das relações entre o divino e o humano, colocando o humano no *saeculum*, no mundo, na história. Mas existe uma outra diferença: os patriarcas bíblicos não atingem os milhares de anos de reinado que atingem os reis das mitologias daquele médio oriente antigo. A sua longevidade não é eterna, está marcada pela finitude e pela caducidade, pois uma longevidade limitada é vista como boa, faz parte da bondade da criação.

O relato do pecado original em Gn 3 narra o desejo de viver não apenas muitos anos, mas de viver para sempre. Nesse sentido, exprime plasticamente a incapacidade humana da imensidão dos anos e a sua real finitude. Então os anos de vida são enquadrados em limites, não apenas a montante mas também a jusante. A eternidade é um predicado divino, e a finitude e a mortalidade são predicados humanos (cf. Gn 3,22). Os anos de Deus nem sequer são anos, porque são de sempre e para sempre; os nossos, ao invés, são históricos, logo finitos, ainda que criados para a imagem e para a semelhança de Deus. Neste sentido, viver muitos anos, mas não biologicamente para sempre, é um sinal da bondade da criação. Em Gn 3 é até uma medida protectora da *zédeq* (ordem justa) da

criação. Então, progressivamente ao longo da própria narrativa, essas vidas vão sendo encurtadas até chegarmos às portas do dilúvio em Gn 6,1ss. Este realismo progride até à visão realista do Sl 90,10a: “os nossos dias de vida podem ser setenta anos ou, para os mais fortes, oitenta”.

Os anciãos no Israel do Antigo Testamento

Na cultura semita são quatro as grandes fases da vida, tal como no-lo relata o profeta em Jr 6,11: a do menino, dos jovens, do homem e da mulher, a do ancião e do idoso. Na tradição bíblica é suposto que aos vinte anos o jovem seja considerado adulto, capaz de pagar impostos e de ir para a guerra (cf. Nm 14,29; 26,2; 32,11; 2Cr 25,5; Ex 30,14). A maturidade, todavia, é considerada alcançada aos trinta anos (cf. 1Cr 23,3). Esta é a *terceira idade*, depois da infância (a *primeira*) e da juventude (a *segunda*). Depois dos sessenta anos um judeu chega bíblicamente à *quarta idade*. Então, é previsível ir progressivamente abandonando os trabalhos domésticos e agrícolas (cf. Lv 27,7), o que acarreta também um gradual afastamento das responsabilidades de liderança da família (Jr 51,22). Podia, contudo, continuar a servir como conselheiro(a), como ainda fazem a juíza Débora (Jz 4,4-5) ou a mulher sábia de Téqoa (2Sm 14), isto num período antigo da história de Israel. Até essa fase da vida os mais velhos tinham de ensinar as novas gerações a trabalhar a terra para ganhar o respetivo sustento, numa altura em que começam a faltar as forças. O salmista no Sl 90,10b observa a longevidade da vida, mas com grande realismo não esconde as canseiras nem as dificuldades: “... a sua agitação é trabalho e miséria; depressa a satisfação passa, e nós desaparecemos”. A maior parte dos membros do povo de Israel não vivia tanto tempo. Parece que os levitas se reformavam aos cinquenta anos (Nm 8,24-26) para assistirem os jovens sacerdotes, acontecendo o mesmo com estes quando atingiam essa idade (cf. 1Cr 24; Nm 8,24-26).

Em 2Re 19,2 o rei Ezequias, diante do cerco de Senaquerib, mandou os *ziqnê hakkohanîm* (anciãos dos sacerdotes) consultar o profeta Isaías. Segundo 2Re 18,13 o sacerdócio já estava organizado no fim do séc.VIII a.C. e os *z^eqēnîm* dele já faziam parte. A Bíblia Hebraica recorre a três termos para descrever ou apresentar os mais velhos: um mais concreto dos cabelos grisalhos como a lã, (*śēbâ*, Gn 15,15; 25,8; Jz 8,32; 1Cr

29,28), outro mais visível referente à fragilidade própria dos anos da velhice (*yašeš*, 2Cr 36,17; ou *yašiš*, exclusivamente em Jb 15,10; 32,6; 12,12; 29,8), e outro referente ao estatuto de mais velhos ou à condição de ter vivido mais anos e ter entrado na quarta idade (*zāqēn*). O primeiro termo encontrará mais tarde no aramaico da visão de Daniel um equivalente *āmar nēqē* (a lã pura: Dn 7,9), e o terceiro deriva da raiz *zaqan* (a barba que dá crédito a um adulto). Apesar de não terem barba, as anciãs são assim as *z^eqēnōt* (Zc 8,4), e as pessoas com mais idade vivem na velhice - na *ziqnâ* (Gn 24,36).

A Escritura também usa outras expressões para significar a longevidade que os mais velhos podem atingir: podem chegar a um grande *comprimento de dias* (*‘ōrek yāmîm*), a *muitos dias* (*yāmîm rabbîm*), a *satisfeitos de dias* (*šēba’ yāmîm*), a *cheios de dias* (*mēlē’ yāmîm*), a *avançados em dias* (*bā’ baiyāmîm*), a um *belo cabelo grisalho* ou *boa velhice* (*šēbâ tōbâ*), a *aumentar os dias* (*ha’arēk yāmîm*), a *numerosos dias* (*harbôt yāmîm*), e a *acrescentar dias* (*hôsēph yāmîm*). Todos estes dias de uma vida são frequentemente interpretados como um sinal de bênção: depois de uma vida longa, Abraão (Gn 25,8), Gedeão (Jz 8,33) e David (1Cr 29,28) chegam à veneranda figura de um ancião com cabelo grisalho e são, por isso, merecedores de sepultamento junto dos seus familiares e abençoados pelo Deus de Israel (Gn 15,15). Moisés é elogiado do mesmo modo no seu próprio testamento em Dt 34.

Por seu turno, a versão grega dos Setenta distribui de forma variada as opções de tradução para diferentes termos em hebraico, ou seja, apresenta diversos significantes. Assim, traduz com *presbeíon* o hebraico *seba’* (cabelo grisalho: Sl 71,18) e *bekôrah* (primogenitura: Gn 43,33). Faz com que o *presbeutês* corresponda ao participio da raiz hebraica *lutz* (embaixadores: 2Cr 32,31). O ancião *presbys* (ora como substantivo, ora como adjetivo) traduz menos frequentemente duas categorias de funções: o *mal’ak* (mensageiro Nm 21,21) e o *tzîr* (emissário Is 57,9). O termo mais comum para significar o ancião, o *mais velho* é, de facto, este - *presbys* - que traduz vários termos, não todos com o mesmo valor: *bekôr* (primogénito Jb 1,18), *gadôl* (grande Gn 27,1.15), *zāqēn* (ancião Js 13,1), *yašiš* (idoso Jb 32,6), *ri’shôn* (primeiro 2Cr 22,1), *sîb* (grisalho, barbudo 2Esd 6,14), *kabîr* (numeroso, múltiplo, poderoso Jb 15,10). É de realçar que nos Setenta os termos *gerousía* (velhice Dt 19,12) e *gérôn* (idoso Pr 17,6) são sempre a tradução de *zāqēn* (ancião, velho, idoso).

Quanto ao substantivo grego *presbytês* (velho, ancião) da mesma raiz de *presbys* (ancião, velho, idoso) só três vezes é usado no NT, mas é frequente no AT grego. Em Gn 43,33 a *presbeia* significa a *bekôrôh*, a primogenitura, que conferia um estatuto de mais velho. No Sl 68,32 os enviados (*presbeis*) são vistos e reconhecidos no TM pelos seus vestidos de cor púrpura (*hašmannîm*). Para o profeta da corte do rei Acaz, no oráculo contra Babilônia são os *presbeis* literalmente os *enviados* (*sîrîm* Is 13,8; cf. 57,9). O rei Ezequias enviou os mais anciãos (*presbíteros*) dos sacerdotes (*ziqnê hakkôhânîm* Is 37,2) ao profeta Isaías, devido aos receios do rei da Assíria. Mas é curioso que na resposta o profeta tenha dito para não ter medo do que disseram os *presbíteros* do rei da Assíria, termo que do TM traduziu o substantivo *jovens* (*na`árê*).

No Pentateuco não desempenham um papel independente, mas de colaboração, surgindo discretamente como o grupo dos anciãos de Israel. Os anciãos constituem um grupo que está presente, que está ao lado das grandes personagens do Israel do AT. Assim, os *zêqênîm* representam todo o povo. A eles e ao povo Moisés anuncia a libertação eminente (Ex 3,16), mas parecem não formar um grupo à parte e com funções próprias. Há setenta anciãos que contemplam a glória de Deus por altura da proclamação da aliança com Moisés e com os seus companheiros. Eles recebem no Sinai a revelação da boca de Moisés. Acompanham Moisés na punição contra Datan e Abiram em Nm 16,25, marcham contra Ai em Js 8,10. José nomeia setenta anciãos para administrarem a Galileia, segundo a informação de Flávio Josepho (*Bell.Jud.* II,570). Também encontramos anciãos em cidades não israelitas no período pós exodal dos *shôphêtîm*, como em Gabaon (Js 9,11), setenta e sete em Sucot (Jz 8,14-16), em Siquém (Jz 9,2), mas também em cidades israelitas como em Galaad cf. (Js 11,3.11), em Jabes (1Sm 11,5-10), em Belém (cf. 1Sm 16,4; Rt 4). Saúl chega ao trono graças a um acordo com os anciãos do povo de Israel (cf. 1Sm 15,30; 2Sm 5,3). Os mais velhos são consultados pelo rei (cf. 1Re 20,6ss), constituindo-se como uma espécie de senado, mas sem uma clara ou definida delimitação jurídica. Todavia, na posterior literatura deuteronomista, os mais velhos assumem de uma forma clara algumas prerrogativas judiciais (cf. Rt 4,2.9.11; Dt 19,11-13), que perderam no período centralista de Salomão.

No exílio, período de forte influência da referida teologia deuteronomista, os mais velhos exercem uma grande e fundamental função de memória e de preservação da identidade de

Israel. Adoam uma autonomia limitada e ajudam as novas gerações a recordar as tradições (Bornkamm, 101). Uma dessas funções mais importantes será a da preservação da consciência religiosa de Israel. Não admira que esta função seja exercida pelos mais idosos. Por isso, é precisamente o termo *presbys* (ancião) na tradução grega dos Setenta a também traduzir o aramaico *šāb* (cf. Esd 5,5.9; 6,14). Estes mais velhos dirigem a reconstrução do templo e a reorganização do povo, e no cap.10 parece que faziam parte do conselho que governava as cidades da Judeia.

Nos profetas pré-exílicos, a autoridade dos anciãos é sobretudo moral. No livro exílico das Lamentações, os anciãos são sobretudo nobres e honráveis, não um colégio ou instituição. Parece que nos livros de Samuel os mais velhos assumem funções mais concretas, como a de participar na escolha de Saúl e do futuro rei David. A sua influência diminui no tempo de Salomão, que absolutiza ainda mais o poder. Nas vilas reais de Jerusalém e da Samaria os anciãos perderam estatuto no período da monarquia, ainda que mantendo a conotação de uma reserva moral e de sabedoria em Israel. No período da monarquia parece que os anciãos se agregam aos notáveis de Jerusalém e da Samaria no governo dessas cidades (2Re 10,1-5; Lm 1,19). Mas no livro de Neemias nem sequer são mencionados, o que leva a crer que terão perdido influência no período pós-exílico e no período inicial do cronista. Todavia, reaparecem na secção aramaica de Esd 4,8-6,18 com uma liderança mitigada mas consultada em casos de casamentos mistos. O mesmo sucede na teologia deuteronomista em que os anciãos são consultados para deliberar em vários casos: sobre ofensas graves (Dt 21,1-9.18-21), e sobre as leis do levirato (25,25-10).

A propecta idade dos anciãos ou dos mais velhos é guardada na memória e nas tradições de Israel, sobretudo através da lei do primogénito, o qual, por ser o mais velho, o primeiro a ter nascido, tem vários direitos, mas igualmente algumas obrigações para com os irmãos mais novos. Assim, quando os irmãos trazem o mais novo – Benjamim – ao seu irmão José no Egipto para o dar a conhecer, os irmãos de José sentaram-se em frente dele segundo a sua *presbeia* (*kibkōrātō*, Gn 43,33), isto é, segundo a sua primogenitura, segundo a sua idade. Com efeito, esta ancianidade instaurava uma ordem geracional e social.

Se esta *presbeia* lhes confere estatuto e responsabilidades, então assim se explica que o termo *presbys* não traduza apenas o massorético *zēqēnīm*, mas também os *enviados*, os

mensageiros, como foi referido. Deste modo, em Nm 21,21 os *presbeis* são os *embaixadores* de Moisés a Sihon rei dos amorreus, que o TM traduz precisamente como *enviados* (*mal'akîm*), pois são os mais experientes (cf. 22,5; Dt 2,26). Os mesmos *presbeis* são enviados por Jónatas Macabeu em 1Mac 9,70, ou por Alexandre ao rei Ptolomeu no Egipto (10,51; cf. 11,9), ou por Tríphon a Simão Macabeu (13,14) num período muito tardio da história bíblica, o período crítico da resistência macabaica e asmoneia à helenização da Judeia.

Ora, os sábios em Israel não deixam de ensinar a viver a *quarta idade bíblica* em tempos conturbados, pois a própria *quarta idade bíblica* pode ser conturbada. Com efeito, nem sempre é feliz. Com efeito, como tudo aquilo que é humano, também a velhice pode ser ambígua, nem sempre cumprida, pois na velhice vem ao de cima a fragilidade da doença, mas também a contumácia do coração humano que nem a idade consegue vencer. Por isso, não admira que a Escritura também relate a inveja de alguns dos mais velhos face aos mais novos. É o caso de Sara com Agar (Gn 16,1-6), ou de Saúl que tenta matar o jovem David (1Sm 16,16). Por outro lado, a Escritura também relata que abdicar na velhice nem sempre é fácil (Van der Ploeg, 185). É uma experiência absolutamente humana.

Além desta dificuldade, Israel vê o ancião Salomão ceder não apenas na doença – como David – mas também ao nível moral quando cede à idolatria, mesmo no fim da vida. Na verdade, Salomão, já velho, cedeu perante as suas mulheres não judias (1Re 11,4-8). Diante deste panorama complexo, a tradição sapiencial encarregar-se-á de deixar um conjunto de ensinamentos e de exortações para que tal não se repita.

Os mais velhos na literatura sapiencial

A Bíblia considera que quando uma mulher chega à menopausa, ou não consegue dar à luz por ser estéril, isso é um sinal de velhice e de decadência (cf. Gn 18,11; Rt 1,12; Lc 1,18.36). Além desta incapacidade, também a deterioração da saúde, a perda de audição e de visão são sinais desse estado de vida, dessa fase avançada na idade (cf. 1Re 1,1-4). Casos há na Escritura em que alguns se aproveitam das fraquezas e incapacidades de pessoas idosas, pertencentes ou não à sua família. Veja-se o caso de Jacob que ilude o seu

pai em Gn 27, com a colaboração da sua mãe a matriarca Rebeca, aproveitando-se do facto de Isaac estar quase cego, para assim ficar com a bênção que supostamente deveria recair sobre Esaú. Adonias aproveitou o facto de o rei David já estar envelhecido e cansado e fez-se rei. Como David já não dominava nem tomava as rédeas do reino, o profeta Natan e Betsabé (a mãe de Salomão) também se aproveitaram da situação para colocar Salomão no trono (cf. 1Re 1,11-36). O mesmo já tinha David visto Absalão (o seu filho) fazer (cf. 2Sm 15-19).

Na literatura sapiencial, terminologicamente *presbys* na tradução dos Setenta tanto pode designar aquele que tem mais idade como também a função que alguém desempenha (Bornkamm, 89). Mas, a terceira idade surge, sobretudo, na literatura sapiencial em Israel como “um espelho da vida humana” (Oorschot, 48), o que significa que nem sempre a experiência bíblica da velhice e da senioridade é uma experiência feliz. Este é o corpus literário onde vêm mais ao de cima quer as aportações positivas de uma vida longa quer as dificuldades ou ambiguidades inerentes. Assim, quanto mais cedo é feita a experiência da caducidade, mais completa se tornará a própria vida (Oorschot, 49), pois na tradição bíblica a vivência da última fase da vida não é vista como a vivência da última fase da vida na antecâmara da sua destruição, mas como uma fase da plenitude e de amadurecimento da própria história pessoal, e não como uma diminuição da vida, apesar das dificuldades que possam ocorrer. Isto significa que a nossa terceira idade (na Escritura a quarta) não é bíblicamente apenas uma fase da vida que chega, mas sobretudo um período da história pessoal que se constrói. A contagem dos dias, a previsão da vida, a prospeção da história é, para os sábios em Israel, caminho de sabedoria, como reconhece o Sl 90,12 (“ensina-nos a orientar corretamente os nossos dias, para entrarmos no pórtico da sabedoria”), mas é também ocasião de relativização de muita coisa e de reconhecimento da fragilidade e caducidade da vida humana. Ponderar a caducidade da vida, a longevidade maior ou menor, é caminho bíblico de sabedoria, de sensatez e de lucidez. O cabelo grisalho é sinal da maturidade, como ensina Jb 12,12 (“a sabedoria encontra-se nos anciãos e a inteligência na idade avançada”). Tal é reconhecido em Israel porque a sabedoria resulta de um acumular de experiências concretas e quotidianas, diversamente da concepção mais abstracta helénica. A experiência dos anciãos é vista pelos sábios em Israel como um tesouro e uma mais-valia. Isto permite a Israel olhar para

os mais velhos como uma reserva moral e como um depósito de sabedoria, de ensinamentos para a vida prática: “permanece na companhia dos anciãos e, se conheceres um sábio, junta-te a ele” (Sir 6,34); “não desprezes os ensinamentos dos mais velhos, pois eles os aprenderam dos seus pais, e é deles que adquirirás a doutrina e a arte de responder oportunamente” (Sir 8,9); “os cabelos brancos são uma coroa de glória, a qual se encontra no caminho da justiça” (Pr 16,31).

Por isso, o sábio de Pr 19,26 não deixa de criticar quem viola o quarto mandamento: “quem não honra o pai nem a mãe é um filho desavergonhado”. A aplicação do mandamento mosaico é transversal ao período dos hagiógrafos bem como a vários territórios textuais, advertindo que os maus-tratos aos mais velhos são punidos com severidade: “o olho que zomba do pai e despreza a obediência à mãe, os corvos da torrente o arrancarão, e os filhotes da águia o devorarão” (Pr 30,17). O mesmo ensinamento é mantido no tardio livro do Eclesiástico traduzido em 132 a.C.: “¹⁴ Pois a caridade que se tem para com o pai não será esquecida e servirá de expiação pelos teus pecados. ¹⁵ No dia da aflição, Deus Se recordará de ti: como o gelo ao Sol, assim desaparecerão os teus pecados. ¹⁶ É como o blasfemo o que abandona seu pai, o que irrita sua mãe é amaldiçoado por Deus” (Sir 3,14-16).

No Sl 90,6-11 o salmista coloca-se no fim da vida e faz contas à vida, perguntando-se quem é que pode estar diante da ira de Deus, dado que a nossa vida é fugaz, ninguém consegue contar os seus dias. Liga, deste modo, a caducidade da vida à culpa. Por isso, no Sl 104 e no Sl 71 o salmista canta a vida que Deus proporciona, pelo que quando a vida começa a desaparecer e a fragilizar-se, o cantor em Israel começa a duvidar da própria assistência ou providência divina. Isto acrescenta dramaticidade à senioridade: “também agora, na velhice (*gêrous*) e de cabelos brancos (*presbeia*), não me abandones, ó Deus, enquanto eu anuncio a tua força a esta geração e a todos os que vão entrando nas tuas fortalezas” (Sl 71,18). E como comenta a nova tradução da Bíblia da CEP: “esta referência à velhice pode aplicar-se ao indivíduo orante, mas também a um Israel envelhecido. Os profetas e os textos bíblicos servem-se frequentemente destas categorias de idade como expressão do acumular histórico de esperanças, desilusões e experiências” (2018, 478).

Na tardia literatura sapiencial, por volta de 164 a.C., o *presbitério* não é um local, mas consiste numa capacidade hermenêutica própria dos mais velhos, os únicos capazes de tal proeza: aos anciãos, aos *presbeis* assiste uma inata e costumeira capacidade hermenêutica – o *presbyterion* ou o *presbeion*. Assim, o *presbitério* é o nome dado a Daniel quando lhe é pedido para interpretar os sonhos, pois ele tem a maturidade para tal, goza dessa capacidade interpretativa. Na história de Susana, os anciãos (os *presbíteros*) pedem ao profeta Daniel que lhes transmita a sua interpretação – o seu *presbitério*, que os ajude a julgar o caso dos dois juízes que queriam violar Susana, pois Deus concedeu-lhe o que é próprio da quarta idade bíblica – o *presbeion* (Dn 13,50). Nos evangelhos, a partir da dinastia herodiana, o presbitério fará parte do sinédrio, o órgão oficial da sinagoga e do povo judeu e aí, sim, será um órgão consultivo com identidade e função própria.

Os escritos sapienciais em Israel ligam preferencialmente a velhice à sabedoria e à justiça, no sentido em que fazem depender a longevidade da conformação da vida à justiça, a uma vida segundo a justiça. O justo viverá longos anos (cf. Sl 1; 37) por ter vivido na justiça. Neste contexto, a vida presente não é vista como um vale de lágrimas, nem tem de ser um vale de lágrimas que será depois recompensado por Deus. Ora, uma vida cheia e plena é uma vida segundo a justiça, como canta o Sl 37. Essa é uma vida boa e querida por Deus, e será sempre uma vida longa. Esse é o fim da vida cumprida do idoso Job em Jb 42,12.17: “o Senhor abençoou a nova condição de Job, mais do que a antiga ... depois Job morreu velho e satisfeito com os dias vividos”. Job passa grande parte do seu livro a viver o drama teológico do princípio deuteronomista da lógica retributiva. Curiosamente, são os seus três amigos, mais velhos, que lhe complicam a vida querendo impor-lhe a explicação simples e sempre mecânica do princípio da lógica da retribuição proporcional, mas que não resolve as aporias da condição humana, a saber: a violência, a injustiça, e o sofrimento. Quando Elihum entra em cena, Job contesta em Jb 32,6, porque aqueles cabelos brancos não lhe adiantaram para nada, eles que, supostamente, deveriam ser uma fonte de sabedoria, mas que continuam a não responder às aporias da condição humana.

Neste contexto, a literatura sapiencial realisticamente não deixa de apresentar as aporias da condição humana, aquelas situações que colocam em causa este princípio geral da retribuição. E fá-lo em três circunstâncias: quando o Deus idealizado e recompensador

parece não recompensar o bem realizado ao longo da vida; quando não encontramos solidariedade por parte do nosso semelhante e entre as gerações, e da qual precisamos para que a nossa vida seja feliz e cumprida; e quando a realidade incontornável da morte parece colocar em causa o sentido da vida ou até negar o propósito de viver uma vida longa para chegar bem à velhice. Assim, diante deste panorama, um dos sábios em Jerusalém conclui pela relativização de tudo o que existe e por alguma desilusão: “tudo é vão / fútil / banal / frágil / efêmero ... não há memória do passado, nem do futuro haverá memória nos que vierem depois” (Qo 1,2.11). Esta desilusão atinge o final da vida, fazendo depender o valor da *quarta idade bíblica* do que se conseguiu até então, podendo ser um tempo de vida difícil e angustiante, de abandono ou de solidão: “se alguém tiver cem filhos e viver muitos anos, e se, embora com tão longa vida, não encontrou a felicidade nem sepultura para o receber, mais feliz que ele seria um aborto” (Qo 6,3). Este sábio exorta, por isso, a não se preocupar com o futuro, mas a aproveitar o tempo presente, a desfrutar dos tempos da juventude: “regozija-te, ó jovem, na tua mocidade. Alegre-se o teu coração nos dias da tua juventude. Segue os caminhos do teu coração e os desejos que deleitam teus olhos” (Qo 11,9).

A ancianidade na literatura judaica

A tradição judaica da diáspora prolonga os ensinamentos bíblicos sapienciais sobre os mais velhos, apresentando-os inseridos na função sacerdotal ou senatorial sinagoga ou como exemplos de fidelidade. Um desses casos é Eleázar, um varão “de idade já avançada” (*probebêkôs tén êlikían* 2Mac 6,18), um nobre judeu com uma mente notável, ao ponto de se deixar martirizar por fidelidade à torah, tornando-se, assim, um modelo para os jovens macabeus (2Mac 6,23-28). Nesta descrição Eleázar é um nobre exterior e interiormente, cuja determinação é digna da sua idade e da sabedoria que quer deixar aos vindouros. Este nonagenário estava disposto a morrer pela torah, pronto a acolher a morte, não por banalizar o avanço da idade, mas por fidelidade à lei. Eleázar não se resigna ao tempo, porque vive por um ideal e é sustido pela relação com Deus a quem continua fiel, aconteça o que acontecer. Eleázar é fiel à torah, porque é fiel a Deus. Isto capacitou-o para uma responsabilidade geracional pelos mais jovens a quem quer deixar

um ideal. Por isso, não se importa com a morte, porque vive por um ideal que supera a própria morte.

Em 3Mac 6,1 Eleázar é um sacerdote ilustre na sua *presbeia*, na sua maturidade, na sua vetusta idade. Mas este título evoca aqui uma função estabilizada, o que representa uma linha de evolução desde o período monárquico em Israel, como vimos. Neste texto apócrifo da literatura peritestamentária, sacerdócio e ancianidade já surgem unidos e como uma função que já se tinha estabilizado no judaísmo. Em *SifNum* 92,11-16 (cf. *LevR* II,113b), a exegese rabínica recorda que Deus dá *honra* aos anciãos. Na tradição judaica já posterior à destruição do segundo templo (*Orla* 2,5; *Sukk* 2; *Ar* 9,4), um ancião, um dos mais velhos é alguém tocado pela sabedoria: “só quem tem sabedoria é um ancião” (*Qidd* 32b). Não admira que esses mais velhos sejam chamados *z'qênim* (*Er* 3,4; *bSanh* 11,1-4; *AvZar* 4). Apesar de tudo, *zāqēn* permanece ainda um título mais de honra, enquanto *hākām* (sábio) permanece um título mais amplo. Assim, na comunidade de Qumran os anciãos auxiliam o sacerdote da comunidade na vida da mesma (1Q8,1). Aí são leigos associados e subordinados ao sumo-sacerdote (1Q13,1). Não era obrigatório que o sacerdote fosse um ancião. No judaísmo peritestamentário estava consolidado o contributo dos anciãos na vida sinagoga e sinédrica como órgão consultivo, assumindo a senioridade uma coloração positiva, o que constitui um afastamento de alguma tradição bíblica sapiencial, pois esta não oferece somente uma imagem positiva ou de estatuto da *quarta idade bíblica*. Depois do séc. II a.C. a *gerousía* assumiu um papel de relevo na grande assembleia (*Abot* 1,1), denominada de *sinédrio* desde os tempos de Herodes o Grande.

Os presbíteros e o presbiterado no Novo Testamento

No NT a temática da velhice não é tema, ainda que surjam algumas figuras anciãs na narrativa neotestamentária, pois o centro da salvação eterna oferecida por Deus em Jesus Cristo vai ser a vida verdadeira de Deus que chega em Jesus para dar não uma vida longa mas uma vida em abundância (Jo 10,10). Logo a abrir o terceiro evangelho, Simão e Ana, apesar da idade, vivem cheios de esperança de ver o eterno chegar (cf. Lc 2,25-39), e diz

o texto que Ana tinha – significativamente – oitenta e quatro anos. Ana representa ali, a abrir o NT, o velho Israel, o Israel idoso do AT que está à espera do novo, do NT.

Paulo reduz em Flm 9 o substantivo *presbys* ao adjetivo que o apresenta já com idade, idoso, no fim da sua atividade missionária pela Ásia menor. Não é, portanto, uma função. No NT a primitiva geração cristã colocou, por isso, em concorrência a vida eterna com a vida longa: a segunda não é garantia de obter a primeira. A longevidade não é uma questão quantitativa, mas qualitativa, com tentou Jesus fazer perceber a Nicodemus em Jo 3. Se se reduz a longevidade ao número de anos que se atinge, então atinge-se apenas a um bem curto e pequeno. Mais, não se encontra sentido para as dificuldades inerentes a essa idade avançada. A vida eterna não é uma longevidade eterna nem esta vida prolongada indefinidamente, nem uma vida no infinito. A longevidade da vida cristã é uma vida longa, abençoada e cumprida, sobretudo cumprida. Pode até ser breve, no caso do jovem Estêvão que foi martirizado ainda novo em Act 7,54-60.

Como os discípulos e os recém-chegados à fé esperavam a segunda vinda do Senhor Jesus – a *parousia* (1Ts 4,13-5,11) a velhice, a terceira idade não é tema. Serão os mais velhos que podem exercer no seio das comunidades a função e os ministérios que virão a desenvolver a partir da segunda e terceira geração cristãs. Os mais velhos – os *presbyteroi* - serão os escolhidos como responsáveis para liderar a comunidade, e não é sinónimo que sejam os de cabelo grisalho a desempenhar essa função. Para este serviço a idade não conta. Antes, é escolhido aquele que mostra maturidade. Por vezes coincide a idade com essas qualidades, mas não dependem da idade.

No tempo do NT os anciãos no judaísmo intertestamentário compõem o sínédrio e constituem um grupo distinto que surge nos evangelhos para complicar a vida a Jesus, juntamente com os escribas, alguns sacerdotes, e com os fariseus. Se no judaísmo intertestamentário vão gradualmente assumindo uma função consultiva na vida sinédrica e sinagoga, não admira que tenham sido um exemplo usado Igreja primitiva para se organizar nas suas comunidades, colocando os mais velhos, os *presbyteroi* à frente das mesmas. Todavia, nas primitivas comunidades cristãs esse modelo nem sequer é universalizado, pois foi recusado por Paulo ou, pelo menos, remodelado. Paulo não decalcou nem copiou o modelo sinagoga, pois colocou à frente das comunidades os seus colaboradores e colaboradoras – e não eram todos anciãos. O modelo sinagoga será mais

evidente nas comunidades já da segunda e terceira geração da Igreja primitiva, já na tradição trito-paulina. Aí podemos falar de um presbiterado.

No judaísmo palestinese contemporâneo de Jesus, os *anciãos* eram também conhecidos como uma aristocracia laica, sendo uma grande parte do sinédrio. Eram aí nobres culturalmente helenizados e politicamente pró-romanos, muitos deles latifundiários. No tempo de Jesus, os anciãos têm, de facto, assento no sinédrio, onde desempenham um papel importante de preservação da memória, de aplicação da torah e de auxílio ao sumo-sacerdote. Esse papel foi exercido no processo da paixão de Jesus de Nazaré.

Mas esse presbiterado, enquanto órgão e constituído por uma nobreza laica, nem sempre foi assim, pois, como vimos, os mais velhos atravessaram toda a sociedade israelita desde o período mosaico e sem grande relevo institucional, pelo menos definido. Isto só acontece com o passar do tempo, em que o grupo dos mais velhos se vai destacando do grupo dos membros das grandes famílias sacerdotais que tentavam governar o sinédrio através do sumo-sacerdote. O termo lato *presbyteroi* designa também no judaísmo da diáspora contemporâneo do NT os membros mais velhos que fazem parte do grupo de sete pessoas que dirigem a comunidade da sinagoga, ainda que esta categoria tenda a desaparecer ao longo dos primeiros séculos da nossa era, sendo substituído por outras categorias mais gregas ou romanas (Bornkamm, 109). Este será o modelo que prevalecerá nas cartas católicas do NT, sobretudo a partir de Tg 5,14, numa fase mais tardia do NT: “algum de vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja; e estes rezem sobre ele, unguindo-o com o óleo no nome do Senhor”.

Os LXX traduzem *zēqēnīm* ou por *presbyteroi* ou por *gerousía* (cf. Ex 3,16; 4,29; 12,21; Lv 9,1-3; Nm 22,4; Dt 5,23). Ora, esta tradução forneceu o léxico aos autores do NT, mas nem todos usam esse dicionário. Os *presbyteroi* nunca aparecem nas proto- nem nas deutero-paulinas. No período pós-pascal surgirão nos Actos pela primeira vez em Act 11,30 e depois no famoso - e assim dito - primeiro concílio de Jerusalém em 15,2.4.6.22; 16,4, parecendo aí ser um grupo distinto dos doze: os presbíteros parecem ser os chefes da Igreja de Jerusalém e os apóstolos um conjunto de missionários itinerantes. É perfeitamente possível que tenham, nessa altura, formado um único corpo, um único organismo à maneira sinagagal. Não sabemos. Esta distinção pode ser só funcional.

O verbo *presbeuô* só é usado por Paulo, e com o significado de *enviar uma embaixada com autoridade*: “somos embaixadores (*presbeuomen*) de Cristo” (2Cor 5,20; cf. Ef 6,20). Para além do mais, importa não esquecer um facto que no mínimo causa surpresa: quer o bispo quer o presbítero não aparecem no texto do NT em ligação, nem como responsáveis pela celebração da eucaristia. Este silêncio sobre a presidência da eucaristia hoje, no mínimo, surpreende (Beutler, 11).

Em Act 20,18-35, no discurso de Paulo aos anciãos de Éfeso, os anciãos foram constituídos vigilantes. Em 1Pd 5,2-3 são já um corpo à parte, que dirige os destinos da comunidade. Em 1Tm 5,1-4 os *presbyteroi* significam apenas a idade avançada. Os anciãos no Apocalipse (Ap 4,4.10; 5,6.8.11.14; 7,11; 11.16; 14,3; 19,4) Deus nunca os consulta. É o grupo dos que adoram e prestam um serviço cultural e sacerdotal à comunidade, semelhante ao conselho celeste de Israel (cf. 1Re 22,19; Sl 89,8; Jb 1,6; 2,1; Dn 7,9; Is 24,23). Na primitiva tradição sub-apostólica, na primeira carta de S. Clemente de Roma aos Coríntios (cf. 1Clem 40,2; 44,2) os presbíteros exercem claramente este mesmo serviço cultural. A partir do período patrístico com Clemente de Alexandria, Orígenes e Hipólito de Roma os presbíteros são os *pais na fé*, assumindo uma clara função doutrinal.

Bibliografia

- BEUTLER, JOHANNES (2019). Kirchliche Amter in der Pastoralbriefen. StZ, 1, 3-12.
- BORNKAMM, GUNTHER (1959-1964). Presbys. TWNT VI, 651-682; GLNT XI, 81-172.
- BOTTERWECK, G. J. - J. CONRAD (1980). Zaqn. TDOT IV, 122-131; TWAT II (1975-1977) 4-9.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2018). Bíblia Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã.
- ENG, MILTON (2011). The Days of our Years: a lexical study of the life cycle in biblical Israel. New York: T&T Clark.
- ERNST, ST. (2011). Segen – Aufgabe – Einsicht. Aspekte und Bilder des Alterns in den Texten des Alten Israel. Arbeiten zu Text und Sprache im Alten Testament 93. St. Ottilien.

- FREVEL, CHRISTIAN (2016). Gottesbilder und Menschenbilder. Studien zur Anthropologie und Theologie im Alten Testament. Neukirchen-Vluyn.
- HARRIS, J. GORDON (1992). Old age. *AnchBD V*, 10-12.
- HARRIS, J. GORDON (2008). *Biblical Perspectives on Aging: God and the Elderly*, 2^a ed. New York – London: Routledge.
- KNIGHT, D. A. (2014). Perspectives on Aging and the Elderly in the Hebrew Bible. *Interpretation*, 68, 136-149.
- LANG, B. (2006). The Number Ten and the Iniquity of the Fathers: A New Interpretation of the Decalogue. *ZAW*, 118, 218-238.
- LEGATIS, GERD (1984). Gerontologie. *TRE XII*, 524-532.
- LIESS, K. (2008). Sättigung mit langem Leben. Vergänglichkeit, Lebenszeit und Alter in den Psalmen 90-92. In M. BAUKS et al. (hrsg.). *Was ist der Mensch, dass du seiner gedenkst? (Psalm 8,5). Aspekte einer theologischen Anthropologie*. FS B. Janowski (pp.329-342). Neukirchen-Vluyn.
- LIESS, K. (2009). „Der Glanz der Alten ist ihr graues Haar“ (Spr 20,29). Alter und Weisheit in der alttestamentlichen und apokryphen Weisheitsliteratur. In B. JANOWSKI / K. LIESS (hrsg.) *Der Mensch im alten Israel* (pp.453-484). Freiburg.
- LIESS, K. (2012). „Jung bin ich gewesen und alt geworden.“ Lebenszeit und Alter in den Psalmen. In TH. FITZON et al. (hrsg.) *Alterszäsuren. Zeit und Lebensalter in Literatur, Theologie und Geschichte* (pp. 131-170). Berlin.
- MCKENZIE, JOHN (1959). The Elders in the Old Testament. In *Studia biblica et orientalia*, edita a Pont. Inst. Biblico ad celebrandum annum L e quo conditum est Institutum. Vol. I. *Analecta Biblica 10*. (pp. 388-406). Roma: PIB.
- MINDE, H.-J. VAN DER (1996). Gerousia. *DENT I*, 738-739.
- OORSCHOT, JURGEN VAN (2001). Das Alter als Spiegel des Lebens – Altern im Horizont der Bibel. In M. FRIEDENTHAL-HAASE et al. (hrsg.). *Alt werden – alt sein. Lebensperspektiven aus verschiedenen Wissenschaften. Studien zur Padagogik, Andragogik, und Gerontagogik Bd.50* (pp.65-78). Frankfurt am Main.
- SCHOTTROFF, W. (1992). Alter als soziales Problem in der hebräischen Bibel. In F. CRÜSEMANN et al. (hrsg.). *Was ist der Mensch? Beiträge zur Anthropologie des Alten Testaments*, FS H. W. Wolff (pp.61-77). München.

VAN DER PLOEG, JEAN (1961). Les anciens dans l'Ancien Testament. In HEINRICH GROSS
– FRANZ MUSSNER (hrsg). *Lex tua Veritas*. Festschrift für Hubert Junker (pp.175-
191). Trier: Paulinus Verlag.

José Carlos Carvalho